WLP

COMMUNICATION
AND PUBLIC AFFAIRS

Comunicação COVID19

Ponto de situação 21 de abril

Terça, 21 de abril de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

21.379 CASOS DE COVID-19

MAIS 516CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 2,47 %

ÓBITOS

762 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 27 VÍTIMAS MORTAIS (+3,67%)

NORTE-441

CENTRO-171

LISBOA E VALE DO TEJO-133

ALENTEJO-0

ALGARVE-11

AÇORES-6

MADEIRA-0

917 CASOS DE RECUPERAÇÃO

5.009 AGUARDAM RESULTADOS

202.769 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

1.172 INTERNADOS (5,48%) / 213 UCI (0,99%)

Concertação social reúne; Bancos no parlamento e hotelaria e restauração com Costa.
Empresas já pediram diferimento de 445 ME de impostos ou contribuições sociais.
Manifesto por uma Recuperação Económica Justa e Sustentável em Portugal, junta 94 organizações e personalidades.
ONU aprova resolução para garantir "acesso igual" a vacinas.

MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA

"Estamos a falar de doze zeros para o plano de recuperação" - Entrevista em exclusivo ao presidente do Eurogrupo, Mário Centeno, por Teresa de Sousa. Forças armadas podem ser chamadas a controlar fronteiras. Lares pedem mais colaboração do Ministério da Saúde. Euribor a três meses completa cinco anos em valor negativo, mas pandemia pode inverter tendência. Professores contam como é dar aulas na televisão. Nem houve tempo para ensaiar. Em Cabo Delgado, jovens jihadistas lutam contra a exploração. Médicos e enfermeiros não recebem já aumento da função pública **(Online)**- Galp suspende atividade na refinaria de Sines a 4 de maio. Sem tempo para repetir gravações, tudo que apareceu na nova telescola foi feito à primeira. Papa Francisco não vem a Portugal em 2022. Jornada Mundial da Juventude adiada para 2023. Portugal vai analisar águas residuais para detetar SARS-CoV-2. Ministro do Ambiente diz que prevenção de incêndios é "um serviço essencial". CP está sem receitas e só tem dinheiro para pagar salários de abril. Cavaco Silva não estará presente nas cerimónias do 25 de Abril.

(Online) Cientistas portugueses em modo covid-19 nas várias frentes da luta contra a pandemia. Putin e um adversário chamado pandemia Cristina Tardáguila, diretora adjunta do International Fact-Checking Network do Instituto Poynter de investigação e formação em jornalismo, na Florida, EUA: "Ao ir contra o mundo, Bolsonaro mostra indícios de burrice". Coronavírus. Turismo de Portugal já apoiou 960 microempresas com 7.5 milhões. Alentejo com poucos casos. "Não se vê ninguém. Parece que é um monte.". Sem pombas e com duas cadeiras de intervalo: a cerimónia do 25 de Abril. Telescola. Alunos e professores dizem que a matéria ficou aquém do nível das turmas.

Vírus à solta no coração de Lisboa - 138 pessoas contagiadas em hostel de 36 quartos com 210 camas. Refugiados transferidos para base militar na Ota. Utentes dos hospitais privados pagam kits dos médicos. Seguradoras divididas no pagamento da Covid-19. Rui rio critica aumentos salariais na Função Pública. Jornadas da Juventude - Papa adia visita a Portugal. Crime em Idanha-a-Nova - Holandesa assassinada e queimada na Beira Baixa. Seis mil casais estão sem trabalho. Juiz benfiquista não quer julgar Rui Pinto. (**Online)** EUA avançam que líder da Coreia do Norte está a lutar pela vida após cirurgia cardiovascular.

Seguro escolar deixa de fora ensino à distância. Aulas. Professores de educação Física estão preocupados e aguardam resposta do Ministério. Restaurantes e cafés sem dinheiro para recorrer ao lay-off. Justiça. Recluso libertado prefere continuar na prisão. Surto de sarampo ameaça Europa. Juiz benfiquista pede escusa no processo de Rui Pinto. Ubers rendem 2.3 milhões ao Estado. Jornadas da Juventude. Papa adia para 2023 evento em Portugal. (Online) Estado de emergência. Petição contra reabertura de creches em maio com mais de dez mil assinaturas.

Profissionais de saúde ainda não recebem aumento este mês. Entrevista ao intensivista António Maia Gonçalves: "Por mais que venham dizer isto cá está muito mal, basta olhar para Itália e Espanha". 25 de Abril. "A prazo, as celebrações podem ser um problema", pneumologista António Diniz. Portugal já não está em seca extrema, mas situação ainda é preocupante. Xeque David Munir ao i "Não é de ânimo leve que uma pessoa diz que a mesquita está fechada. É duro, dói".

(Online) Covid-19 tira 315 milhões aos dividendos. **Como vai o turismo recuperar do zero. Agências contactaram turistas para oferecer "vouchers".** "Crash" no petróleo atira cotação para valor negativo. Banco de Portugal avança com nova acusação ao Montepio. Petróleo negoceia em valores negativos pela primeira vez na história. Teletrabalho ganha estatuto, mas exige competências. Pandemia faz mossa nas construtoras em Angola. Proprietários de alojamento local procuram alternativas e já há quem pense voltar

ao arrendamento. Crédito Agrícola: "Não podemos sair desta crise criando uma crise bancária". Cientistas suíços esperam ter vacina contra o coronavírus em outubro.

(Online)- Empresas já pediram 4,8 mil milhões de crédito. Aumentos na Função Pública. Esta é a nova tabela salarial. Petróleo afunda para terreno negativo. E agora? Clientes do BCP e Santander vão ter de usar máscara para serem atendidos aos balcões. "Estamos a falar de doze zeros para o plano de recuperação", diz Centeno. Desemprego dispara. Algarve destaca-se com subida de mais de 41%. Escola à distância? Autarquias e empresas juntam-se para dar computadores. **Audiências da RTP Memória ultrapassam CMTV no regresso da telescola.**

(Online)- Apenas 11,6% dos pedidos de crédito pelas empresas foram aprovados. Regulador propõe moratória para clientes de seguros, mas falta luz verde do Governo. Covid-19: CDS quer saber quanto crédito é que já chegou às empresas e a que custo. Concertação Social reúne hoje para preparar Conselho Europeu. Empresas de energias renováveis avisam que paragem dos processos no Estado vai "comprometer seriamente" projetos de energia solar. Pela primeira vez na história, Crude WTI negoceia a preços negativos. Pedro Nuno Santos reforça necessidade de postos dos CTT reabrirem de forma condicionada. 6,4 biliões de euros. Saiba como a China prevê reanimar a economia após a pandemia. Covid-19: OMS diz que Portugal está a agir da forma correta.

(Online)- Crash no barril americano. Afunda para valores negativos. Santander: Clientes só entram nos balcões com máscara. CCP quer menos IVA no álcool, gel e outros essenciais.

(Online)- Mais missas, mas com fiéis de máscara e à distância e nada de procissões. Como vai a Igreja Católica voltar à normalidade. Crash. Petróleo em Nova Iorque com valor negativo. 25 de abril. Partidos reduzem número de deputados. BE. "Duplicidade"

Costa/Centeno fragiliza Portugal. Santander e BCP querem clientes com máscara. Reitores: Não há condições para regresso às aulas. Seguro no ensino remoto. Diretores pedem solução. Escolas devem denunciar se crianças falharem aulas. Dez hospitais com enfermeiros em protesto. Covid-19. PCP defende controlo pessoal de doentes na China. Santa Maria começa testes serológicos

(Online) Covid-19. O colapso do petróleo em cinco perguntas e respostas (e não, não vamos ter combustível de borla). Doença mental, violência doméstica, luto e suicídio nas prioridades do site da DGS. "A preocupação é real, não podemos ignorar". Marcelo reativa "Grupo de Reflexão" sobre o futuro do país. Iniciativa Liberal questiona o Governo sobre igualdade de tratamento entre funcionários públicos e privados. Covid empurra 28 mil para o desemprego. São já 5.902 as famílias em que nenhum dos elementos trabalha. Covid-19. Confederação do comércio defende que lojas mais pequenas sejam as primeiras a abrir. Eanes vai ao 25 de abril, mas "discorda da modalidade". Covid-19. Global Media coloca 538 trabalhadores em lay-off. Ataque à EDP chegou a documentos do meganegócio de venda das barragens. Benny Gantz e Benjamin Netanyahu formam coligação de salvação nacional. Israel passou um ano sem governo. Número de execuções por pena de morte diminuiu em 2019 pelo quarto ano consecutivo.

(Online)- Médicos e enfermeiros terão de esperar mais um mês para ter aumentos. Trump suspende imigração para os Estados Unidos. Consumo de eletricidade e gás desceu entre 10% e 11% desde 19 de março. Chuva não afasta situação "preocupante" nas barragens.

(Online)- **Costa alinha reabertura da economia**. Trump suspende imigração. Imprensa livre na China teria evitado escalada da pandemia de Covid-19, defendem os Repórteres Sem Fronteiras.

(Online). Panorama nas creches vai desde descontos a ameaças de expulsão de crianças. E depois da Páscoa? Melgaço e Vila Verde

duplicaram casos de Covid-19. Coronavírus: tudo o que se pode aprender com os erros de Itália. Líder da Coreia do Norte está em estado crítico. 25 de Abril. É a primeira vez que não há desfile na Avenida. Mas a sessão solene já falhou três vezes.

VISÃO **(Online)- Petróleo? Já nem dado os investidores o querem**. Covid-19: O caso da ilha japonesa de Hokkaido, que há um mês voltou à rua e agora teve de voltar para casa. Austrália obriga Facebook e Google a partilhar receitas publicitárias com os media.

RÁDIO NOTÍCIAS Covid em Hostel de Lisboa. Médicos e enfermeiros ainda não receberam aumento salarial. **Patrões proibidos de controlar à distância o teletrabalho**- A não ser pelos controlos horários e de objetivos, os patrões estão proibidos de controlar à distância a forma como os portugueses trabalham em teletrabalho. Nos últimos dois meses o trabalho em casa disparou e a Comissão Nacional de Proteção de Dados tem recebido vários pedidos de esclarecimento. Produção de flores e de plantas ornamentais afetado pela crise. Plano de reconstrução da economia europeia.

Renascença **Estrangeiros retirados de hostel transferidos para a Ota**. Aumentos na Função Pública- Os médicos e enfermeiros vão ter de esperar. Os profissionais da Saúde só recebem em maio o aumento de 0,3% que já está a ser pago a todos os funcionários públicos. Reembolso do IRS -Ainda não há data para começaram os reembolsos de IRS. Fonte do Ministério das Finanças confirmou à Renascença que ainda não foram processadas liquidações, ao contrário do que aconteceu no ano passado. Por esta altura, os reembolsos já estavam a chegar às contas dos contribuintes a um ritmo de 200 mil por dia. Representantes da hotelaria e restauração em São Bento. António Costa recebe esta tarde em São Bento, os representantes da hotelaria e da restauração para preparar as medidas de relançamento da atividade. **(Online)** Covid-19. Estrangeiros infetados em hostel de Lisboa já estão de quarentena na Base da Ota. Há creches a fechar portas por falha

no pagamento das mensalidades. Covid-19. Portugal vai começar a produzir máscaras comunitárias em breve.

ANTENA 1 Manuel Heitor em entrevista. **Não vai ficar nenhum aluno do ensino superior prejudicado por causa da crise pandémica**. O ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, diz na Antena 1 que todas as situações de carência que aparecem no ensino superior por causa da pandemia estão a ter uma resposta dos mecanismos de emergência da ação social escolar. O Ministério do Ensino Superior emitiu orientações às universidades e politécnicos para que preparem planos para o regresso às aulas presenciais a partir de 4 maio. Alerta para possível surto de sarampo na Europa. Aumentos na Função Pública. Coronavírus em hostel de Lisboa. Galp vai parar a refinaria de Sines. Portugal usou 7,7% dos fundos regionais e de coesão para a ação. É o que revela o projeto Life Unify, que tem a associação ambientalista ZERO por parceiro. A ZERO diz por isso que é urgente que os países revejam a forma como gasta o dinheiro que vem de Bruxelas.

ONU APROVA RESOLUÇÃO PARA GARANTIR "ACESSO IGUAL" A VACINAS

Os 193 países-membros da Assembleia-geral da ONU aprovaram, por consenso, uma resolução para garantir um "acesso igual" às "futuras vacinas" para a covid-19.

Na mesma resolução foi sublinhado o "papel dirigente crucial da Organização Mundial da Saúde" posto em causa pelos Estados Unidos.

Centrado na resposta sanitária, o texto, iniciado pelo México e também aprovado por Washington, pede o "reforço da cooperação científica internacional para combater a covid-19 e intensificar a coordenação", incluindo com o setor privado.

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Pandemia já matou mais de 170 mil pessoas em todo o **Mundo.**
- **Espanha** com ligeiro aumento diário de mortes para 430. Total 21.282 óbitos.
- Número de pessoas doentes com a covid-19 em **Itália** desceu pela primeira vez. Os casos de infeção positivos e ativos neste momento são 108.237, menos 20 em comparação com domingo. Total de 24.114 óbitos.
- **França** ultrapassa 20.000 mortos.
- **Alemanha** regista mais 194 mortes em 24 horas. Total de 4.598 mortes.
- **Reino Unido** regista mais 449 mortos num dia e soma total de 16.509.
- Bélgica regista mais 290 mortes, para um total de 5.453.
- **Estados Unidos** com 1.433 mortos nas últimas 24 horas. Total de 42.094 óbitos.
- **Brasil** ultrapassa os 40 mil casos confirmados e tem 2.575 mortes.
- **China** regista sete novos casos de contágio local e quatro importados.
- Turquia ultrapassa 2.000 mortos devido ao novo coronavírus.
- **Irão** regista 91 mortes em 24 horas e eleva total para 5.209 mortos.
- **África** com 1.158 mortes e mais de 23 mil infeções.
- **Reino Unido e França** lideram escalada de exigência de clarificação das responsabilidades da **China** na pandemia. **Merkel** incentiva Pequim a ser transparente, mas evita uma atitude de confronto.

FRASES DO DIA

- **""Somos uma pequena economia aberta, mas há economias na Europa mais abertas do que a nossa",** Mário Centeno, Presidente do Eurogrupo.
- **Nada foi escondido aos Estados Unidos, desde o primeiro dia. Não há segredos na OMS. Porque manter informações secretas ou confidenciais é perigoso. Não há segredos na OMS"**, Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da OMS.
- **"Creio que [Portugal] agiu de forma racionalmente correta, os números indicam isso",** Michael Ryan, diretor do programa de emergências sanitárias da OMS.
- **"Estado fiscaliza muito mais do que acompanha" os lares de idosos e estes não são devidamente assistidos pelo Ministério da Saúde**", Padre Lino Maia, Presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS).
- **"À luz do ataque do Invisível Inimigo, bem como da necessidade de proteger os empregos de nossos GRANDES Cidadãos Americanos, assinarei uma Ordem Executiva para suspender temporariamente a imigração para os Estados Unidos!",** Donald Trump, Presidente dos EUA.

ARTIGOS SELECIONADOS

OCDE: PORTUGAL É O PAÍS COM MAIS PROJETOS INOVADORES PARA COMBATER A COVID-19

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) identificou, em todo o mundo, 150 projetos diferenciadores que pretendem fazer face à pandemia e Portugal é um dos países com o maior número de soluções. Os dados da OCDE destacam a Europa ena América onde a aposta inovadora tem sido maior. No extremo oposto está a Ásia e África.

A OCDE revela que das 150 respostas diferenciadoras em todo o mundo, 19 são portuguesas. Do top 3 fazem ainda parte o Reino Unido e a Irlanda. Com múltiplas plataformas online lançadas em plena pandemia de Covid-19, a OCDE destaca, por exemplo, o site do Governo "Estamos ON", que recentemente passou a estar também disponível numa aplicação com o objetivo de promover a utilização de serviços online pela população para evitar o contacto durante esta pandemia.

Também os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde lançaram uma plataforma online dedicada inteiramente ao vírus SARS-CoV-2 e que também consta nesta lista da OCDE como um site que esclarece, por exemplo, formas de transmissão e compila os dados relativos à situação epidemiológica no país.

A OCDE destaca ainda parte projetos como o movimento português tech4Covid-19, que tem procurado encontrar soluções tecnológicas para ajudar o país na luta

contra a Covid-19, e o programa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia Research 4 Covid-19 que apoia projetos e iniciativas de investigação e desenvolvimento já em curso ou a desenvolver e que respondam às necessidades do SNS.

Segundo a tabela elaborada pela OCDE a seguir a Portugal surge o Reino Unido, com 12 soluções identificadas, seguido da Irlanda, com 11. Na Europa, destacam-se ainda a França e a República Checa, ambos com oito projetos. Já em Espanha e Itália parecem ser reduzidos os projetos inovadores que querem fazer face à Covid-19, tendo sido identificados apenas dois em cada.

Fonte: Jornal Económico (online)

"ESTAMOS A FALAR DE DOZE ZEROS PARA O PLANO DE RECUPERAÇÃO", MÁRIO CENTENO

Estou a entrevistá-lo na sua qualidade do presidente do Eurogrupo, o que faz bastante sentido, porque o nosso futuro depende, em grande medida, do que acontecer na Europa. Suponho que concorda.

Sim, estou de acordo.

Mais até do que a nossa própria capacidade e a dos outros países para enfrentar esta pandemia.

A resposta dependerá sempre das duas. Mas, desta vez, a Europa é a nossa primeira linha de defesa comum e creio que esse sentimento está instalado dentro da própria União Europeia.

Mesmo que às vezes não pareça.

Sim, às vezes não parece. Mas, para distinguirmos aquilo que parece daquilo que está realmente a acontecer, temos de tentar perceber a vertigem que foi este mês para os governos, os Estados, as nossas comunidades e instituições, e ver a rapidez com que reagimos.

Mais talvez a nível nacional…

A nível nacional e, também, numa primeira fase com alguma hesitação, a nível europeu. Não estou de modo nenhum a negar isso. Tive, aliás, presente em todos esses momentos de hesitação. Mas quando foi necessário começar a construir soluções, elas apareceram, não só com rapidez, mas com uma intensidade sem paralelo em nenhuma crise anterior. Costumo usar um paralelo, que creio que é bastante entendível. A crise de 2008-2009 foi, digamos assim, pré-anunciada pelo menos com dez anos de antecedência. Muitos analistas, académicos, políticos, economistas, anunciaram-na mil vezes até ao dia em que aconteceu. E quando aconteceu, a resposta foi tímida, nalgumas dimensões porventura mesmo errada, e levámos quase quatro anos até colocarmos…

Na Europa, porque os Estados Unidos foram muito mais rápidos.

Estou a falar da Europa, exatamente. Levámos mais de quatro anos, com uma crise das dívidas soberanas pelo meio, até começar a encontrar um caminho que pudesse fazer algum sentido. Desta vez, esta crise não foi anunciada. É uma crise que só conseguíamos imaginar num cenário de ficção. Levou-nos dez dias, entre a primeira reunião do Eurogrupo em que a solução começou a ser desenhada e a sua aprovação final. E é só o primeiro passo, como já referi.

Ainda falta o plano de reconstrução. Este é só de emergência. Mesmo assim, essas decisões sabem a pouco. Sobretudo, se compararmos a retórica dos responsáveis políticos, que descrevem esta crise como a pior desde a II Guerra ou igual à Grande Depressão de 1929-33, e as medidas que parecem dispostos a tomar. Além disso, calculo que tenha tido de arrancá-la a ferros no Eurogrupo.

O que é que fizemos para responder a esta crise em termos económicos e sociais? Instituímos um conjunto de medidas de proteção ao emprego que foram adaptadas às realidades nacionais. O nosso lay-off simplificado, o "Kurzarbeit" alemão, o "chomage partiel" francês, entre outros, têm todos os mesmos objetivos: proteger o emprego. Para conseguirmos isso, queremos que haja um certo level playing field na resposta. Para isso, precisamos de dotar os Estados com liquidez para poder financiá-la. É aqui que entra o SURE [um plano de solidariedade com 100 mil milhões de euros], que é dinheiro novo, que vem de garantias que todos os Estados prestam à União Europeia para que ela possa obter aqueles montantes financeiros, que depois empresta aos Estados que enfrentam custos de financiamento mais elevados. O mesmo processo se passa com o Banco Europeu de Investimentos (BEI). Estamos a falar de garantias dadas pelos Estados que depois permitem ao BEI conceder empréstimos até 200 mil milhões de euros, sobretudo às PME.

Qual é o objetivo desse dinheiro?

É permitir aos diferentes Estados desenvolver uma linha de ação equivalente para as empresas terem acesso a liquidez. Todos sabemos que alguns Estados têm bancos promocionais para esse fim, outros não têm. O BEI é um equalizador da

resposta. Mais uma vez, estamos a falar de liquidez e de empréstimos, mas neste caso potenciais perdas serão mutualizadas. E a probabilidade de haver perdas é mais elevada porque estes são empréstimos com risco elevado.

Desde que seja para despesas, diretas ou indiretas, com a saúde.

Para tratamento e prevenção. O que tem uma latitude interpretativa suficiente para que todos os Estados tenham uma rede de segurança. É para isso que aquele dinheiro serve – para evitar que os Estados percam acesso ao mercado. As linhas do MEE permitem que haja uma proteção das dívidas soberanas face ao acesso ao mercado. Estamos a falar de uma rede de proteção, sem condicionalismos, sem troikas, sem programas de ajustamento, para que os Estados possam aceder a financiamento com custos equiparáveis entre todos.

Qual é a soma disto tudo? Era aí que queria chegar para comparar com os EUA. Até à data, a resposta orçamental dos Estados-membros soma cerca de 3% do PIB da UE. Estamos a falar de mais de 500 mil milhões de euros.

Uns mais e outros menos. A Alemanha, por exemplo, atinge valores astronómicos porque pode.

A Alemanha distingue-se particularmente nas linhas de crédito. As linhas de crédito já anunciadas em todos os Estados-membros atingem cerca de 16% do PIB. Estamos a falar de qualquer coisa como 2,5 biliões e, como vê, estamos a aproximar-nos dos americanos. E, depois, temos o BCE que, desta vez, não levou muito tempo a reagir, antes pelo contrário, e cuja magnitude de reacção não é muito diferente da de outros bancos centrais. Estamos a falar de 750 mil milhões

de euros, com algumas novidades no seu novo programa, que lhe dão maior flexibilidade para atuar nos mercados secundários.

Por exemplo, não há limites para nenhum país.

O BCE esclareceu que poderá desviar-se dos limites, mesmo que temporariamente, se esses limites impuserem um obstáculo à implementação do programa de compras e comprometerem os objetivos de política monetária. E isso permite uma resposta muito significativa.

Esta é a fase da emergência. Falta a parte da reconstrução. O último Eurogrupo não avançou grande coisa sobre as características desse plano. E o senhor já referiu que o Eurogrupo está à espera de instruções claras do Conselho Europeu da próxima quinta-feira para poder trabalhar a partir daí. Também sabemos que as divergências entre os governos são maiores neste capítulo.

Sim, as divergências ainda existem. Antes de chegar a um consenso há sempre divergências. Mas deixe-me tentar clarificar o que se diz sobre isso no meu relatório do Eurogrupo, sobre um fundo de recuperação, que deverá jogar em complemento com o Quadro Financeiro Plurianual, o que também está referido nesse relatório. É tudo isto que faz, no seu conjunto, o verdadeiro plano de recuperação, que a presidente da Comissão e o presidente do Conselho Europeu têm agora a responsabilidade de preparar.

E o que é que já se sabe do fundo de recuperação?

O que já está assente e que ficou expresso no parágrafo que o relatório lhe dedica. É um fundo que possibilita uma repartição dos custos do período de recuperação ao longo do tempo. Tem que ter mecanismos de financiamento próprios,

apropriados e inovadores. Está aqui traduzido o facto de haver várias posições diferentes sobre este problema. Temos a proposta francesa que, na verdade, inclui a emissão de dívida comum.

Para financiar o fundo, não os países.

Para financiar o fundo. E temos outros países que, neste momento, vêem o fundo mais a funcionar dentro do Quadro Financeiro Plurianual. Mas as duas visões não se excluem mutuamente. Mesmo que, indirectamente, o fundo seja usado para reforçar os programas do orçamento da UE.

O próximo orçamento da União Europeia, ainda a ser discutido, prevê um montante de 1% do Rendimento Nacional Bruto e, mesmo assim, tem sido difícil. Isto não significa grande coisa.

Espero não estar a extrapolar demasiado, mas todos têm noção disso e todos têm também a noção de que o que é necessário, desta vez, é ter disponível algo de grande dimensão. Mas a dimensão da solidariedade já lá está, nesse parágrafo, traduzida no compromisso de prolongar ou distribuir ao longo do tempo o custo financeiro que será muito concentrado no período de recuperação imediato.

Como é que se dissolve num tempo longo esse esforço financeiro de cada país e como é que se evita que os mercados financeiros tenham uma percepção distinta da capacidade de cada um, sem o recurso à emissão de dívida conjunta?

Essa é a resposta que estamos todos à espera que o Conselho Europeu dê.

Na próxima quinta-feira.

Exatamente. Estamos a falar do apoio à recuperação. A minha interpretação é que esse período de recuperação se inicia assim que começarmos a reverter de forma

significativa as medidas de confinamento. O que quer dizer que não temos muito tempo. Mas temos o tempo suficiente para que haja esse debate ao nível do Conselho Europeu.

Diz que são precisas soluções inovadoras. Na semana passada, os investidores começaram a vender em grandes quantidades dívida pública de Itália, Espanha, Grécia e Portugal, colocando pressão sobre as taxas de juro com que esses países se endividam, apesar da intervenção do BCE. Como é que garante a esses europeus, em particular, que esta crise não vai ter para eles um desfecho igual à anterior?

São várias perguntas. Vou começar pela inovação, que me parece a parte mais interessante. Mas já iremos à última parte da sua pergunta.

Quando, no início deste mês de grande trabalho, começámos a delinear possíveis respostas, quando me começou a ser descrito o mecanismo de linha de crédito do MEE, confesso que o meu pensamento foi: vamos andar meses em torno disto até conseguir fazer com que funcione. Na verdade, foram apenas precisos dez dias. Porque fomos capazes de transformar a natureza do MEE e das linhas de crédito que estamos a usar em relação ao que havia durante as crises soberanas – quando o mecanismo foi criado. Neste novo contexto, que é simétrico, em que não há razões para voltar aos velhos debates sobre os estigmas, as linhas de crédito estão disponíveis para todos e não trazem associado esse peso da condicionalidade. Inovámos.

Acha que não há estigma nestas linhas de crédito do MEE?

Acho que são um mecanismo de proteção e de segurança que é muito útil. Estando à disposição mais de 400 mil milhões de euros no MEE, seria paradoxal que não os pudéssemos utilizar, a não ser associando um enorme estigma. Foi esse o grande passo que demos. Não estou a dizer com isto que pense que é muito ou pouco provável que os países utilizem esta linha. Estou a dizer que, no mundo financeiro, a existência desta proteção tem um valor que vai muito para além do seu valor nominal.

Falta o plano de reconstrução.

O apelo que agora é feito à inovação neste último passo – o da recuperação – não é novo. Não devemos ficar muito ansiosos, portanto, face à capacidade para inovar também aqui. Estou muito confiante e muito seguro de que essa resposta vai aparecer. As forças que têm permitido construir a Europa vão estar presentes nesta discussão e vão levar-nos a um porto seguro.

A resposta não se limita, desta vez, à União Económica e Monetária (UEM), embora ela seja uma enormíssima responsabilidade dos Estados-membros.

No último Eurobarómetro, o euro estava nos máximos de apreciação no conjunto dos países da UEM — muito, muito acima dos níveis registados quando foi criado. E muito, muito acima do ponto mais crítico da última crise. É um ativo que os decisores políticos têm de valorizar. Mas não estamos apenas a proteger a UEM. Estamos também a proteger o Mercado Único, porque é disso que se trata fundamentalmente. Parámos as nossas economias.

Nós somos uma pequena economia aberta, mas há economias na Europa ainda mais abertas que a nossa. 75% das nossas exportações são para o Mercado Interno. Há países em que este número ainda é maior. As nossas exportações representam 45% do PIB, mas há países em que esse número é mais elevado. Portanto, o Mercado Único…

É vital para toda a gente?

É vital para todos. O Mercado Único e a forma como funciona foi uma extraordinária forma de mutualização das nossas decisões económicas. A especialização económica de Portugal no contexto europeu, ou da Bélgica, ou da Holanda, ou da Itália traduz uma partilha – a origem da palavra mutualização – económica enormíssima.

Esta é uma crise simétrica que inevitavelmente vai levar a que todos os países fiquem com mais dívida no curto prazo e que enfrentem, no segundo trimestre de 2020, uma recessão verdadeiramente avassaladora. Os velhos livros pelos quais nos regíamos já não nos servem neste período. A resposta que temos de dar tem de ser enquadrada nesta nova realidade.

É por isso que acha que vai haver seguramente alguma inovação…

Também sobre o que é preciso para financiar de uma maneira homogénea a reconstrução.

A emissão de dívida conjunta para a reconstrução não seria o que foi o "whatever it takes" de Mario Draghi no Verão de 2012? Uma forma de dizer aos mercados com total clareza que estamos, efetivamente, todos no mesmo barco?

É com certeza. Mas é preciso que se entenda que tem o mesmo valor económico e está no mesmo quadro de análise do Mercado Único, quando dizemos que temos de o proteger enquanto um dos maiores mercados do mundo.

A França tem uma proposta para o Fundo de Reconstrução. O Presidente Macron disse na sexta-feira passada ao Financial Times que esse fundo devia ter uma capacidade mínima de 400 mil milhões de euros, cobertos pela emissão de dívida garantida pela União Europeia.

Já ouvi números maiores noutro contexto. Um dos vice-presidentes da Comissão, Valdis Dombrovskis, já falou em 1,5 biliões. Esse fundo terá de ser proporcional aos danos desta crise. Podemos hoje fazer uma estimativa, mas só conseguiremos ser rigorosos quando começar a haver alguma visibilidade para o início desse processo de reconstrução.

O valor que o Presidente francês referiu não é incompatível com o valor mencionado pelo vice-presidente da Comissão. Podemos ter um misto de mecanismos de apoio, em parte financiados por empréstimos com alavancagem, em parte financiados por dívida comum.

Haverá, portanto, vários instrumentos?

Sim. Acharia perfeitamente natural que assim fosse e que também permitisse aos países poderem utilizar de uma maneira ou de outra essas ajudas.

Voltando à ideia do Mercado Único, que é muito querida a todos os países…

Norte e Sul…

Centro e periferia… Para recuperar o Mercado Único vamos precisar de investir nesse mercado. E, sem recuperar esse grande mercado, as economias não vão a

lado nenhum. Não vão de todo. Tudo isto vai ser tomado em conta. Precisamos de definir alguns princípios e ter algumas certezas sobre qual o processo que vamos seguir. É preciso saber que há um mecanismo de coordenação crucial na Europa, tão crucial como o financiamento, que é retomar o funcionamento do Mercado Interno. É tendo tudo isto em conta, com a definição de uma estratégia de saída, que podemos definir o montante que é necessário para financiar as economias e quais são os mecanismos de financiamento desse montante numa base de solidariedade e de inovação. Está lá tudo, naquele parágrafo [do relatório do Eurogrupo].

Inovador, solidário, mas acho que também li a palavra "temporário".

Sim, é temporário no apoio, mas deve ser suficientemente longo nas maturidades em que esse apoio é depois ressarcido, para não comprometer a mobilização de recursos para a recuperação.

Na entrevista que deu a vários outros jornais europeus, também falava de "trillions", os nossos biliões. É disso que estamos a falar?

São doze zeros. As nossas calculadoras dos telemóveis não dão para introduzir esses números. Só calculadoras científicas conseguem lidar com doze zeros.

Fonte: Público

OPINIÃO

DIGITALIZAR PARA RECONSTRUIR EUROPA

O dia seguinte à pandemia exigirá uma nova estratégia industrial europeia baseada nas novas tecnologias.

As perguntas estão-se a acumular. Como será o mundo depois do coronavírus? Que mudanças geopolíticas vão acontecer? Iremos assistir a um retrocesso da globalização? As instituições europeias estão a trabalhar? A UE superará essa nova crise, quando ainda não recuperou dos impactos do Brexit?

Existem muitas incertezas, mas existem alguns aspetos sobre os quais podemos ter certezas. Vou-me apenas concentrar no "dia D", isto é, no dia a seguir ao final do nosso confinamento, em que devemos dedicar todos os nossos esforços à reconstrução da Europa.

A palavra reconstrução não é um exagero. A magnitude e a escala que esta crise nos apresenta, é um enorme desafio económico, político e social, que coloca o projeto europeu novamente à prova. O impacto da pandemia será maior que o da crise de 2008. Terá de implicar muito mais que opções de política monetária. A nossa prioridade, a para do cuidado de pessoas vulneráveis e da preparação para futuras crises da saúde, deve ser a reconstrução da Europa. E isto não será possível sem uma nova estratégia de política industrial europeia cuja pedra angular é a

digitalização. A UE deve concentrar os seus esforços no aprofundamento da economia de dados; implantar infraestruturas digitais; consolidar desenvolvimentos tecnológicos como a inteligência artificial e acelerar a formação digital.

As tendências previsíveis no que respeita aos dados apresentam algumas vantagens para a indústria europeia. O volume de dados multiplicar-se-á exponencialmente, vindo dos objetos e sistemas (produtos de consumo, componentes industriais ou sensores), e menos das plataformas sociais ou comerciais, como hoje acontece. A Europa tem uma posição competitiva em áreas como a manufatura (com clara liderança no setor automotivo), software industrial e robótica, portanto essa mudança de tendência representa uma grande oportunidade. Para tirar proveito disso, precisamos de um Espaço Europeu de Dados, em que dados confiáveis sejam acessíveis às instituições, aos investigadores e às empresas (principalmente às PME). Isto requer um grande esforço nos padrões e na interoperabilidade e na superação da fragmentação legislativa sobre os dados.

Um segundo objetivo é a conectividade, graças à qual, durante a quarentena, fomos capazes de trabalhar em casa, manter o ensino em escolas e universidades, desfrutar de lazer etc. É essencial continuar a promover o investimento em redes 5G e de capacidade muito alta e a nos equiparmos com mais infraestruturas de nuvem, processadores e supercomputadores. A UE deve redobrar seus esforços em pesquisa e inovação, garantindo que o futuro Programa-Quadro de Pesquisa

Horizon Europe e o Programa Europa Digital sejam suficientemente reforçados com recursos financeiros.

Por último, a pandemia sublinhou a importância das competências eletrónicas, demonstrando que precisamos de um plano de ação forte para garantir que todos tenham o conhecimento e as competências essenciais para se posicionar no mundo digital.

Nada disso será possível se os cidadãos desconfiarem do uso dado aos seus dados. A confiança é um aspeto fundamental que requer a abordagem de um amplo conjunto de elementos de natureza ética, responsabilidade legal, transparência e cibersegurança. Em termos de digitalização, a Europa sempre se caracterizou pelo progresso, respeitando a centralidade do indivíduo e a proteção de sua privacidade. Deve prosseguir, com liderança. O projeto europeu foi construído sob sucessivas crises. Agora estamos diante de uma enorme empreitada de saúde, de economia e de ação social que exige uma abordagem integrada. Com mais de 430 milhões de habitantes e um mercado único, a UE tem as economias de escala necessárias para enfrentar conjuntamente uma situação sem precedentes.

A digitalização é uma alavanca para a reconstrução europeia. Estamos a um passo do "dia D".

Pilar del Castillo é eurodeputada e presidente do Fórum Europeu da Internet (QIR).

Fonte: El País